

ENCONTRO COM A COMUNIDADE AÇORIANA NO PORTUGUESE ATHLETIC CLUB

San José, Califórnia, 27 de agosto de 2014

Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

As minhas primeiras palavras vão, naturalmente, para saudar aqueles que são os nossos anfitriões nesta noite, o Portuguese Athletic Club, na pessoa do senhor Presidente da Assembleia Geral, da senhora Presidente da Direção e de todos os titulares dos órgãos sociais.

Uma saudação especial, também, ao Dr. Nuno Matias, Cônsul Geral de Portugal em São Francisco, e a todos aqueles e a todas as instituições da comunidade que me dão a honra e o prazer de estarem hoje aqui connosco, de partilharem connosco este pequeno momento, este convívio e, dessa forma, relembrem também aqui os nossos Açores.

O meu sincero obrigado a todos, o meu sincero agradecimento a todos por aquilo que fizeram e por terem tornado memorável este dia, desta curta mas intensa viagem à Califórnia. O meu muito obrigado.

Que mensagem é que vos trago e o que gostaria de partilhar convosco nesta noite? Trago, desde logo, um forte abraço de saudade dos Açores e dos Açorianos. Um abraço de saudade, um abraço fraterno de quem também tem este sentimento tão especial do que é viver, do que é sentir aqueles nossos pedacinhos de terra perdidos no meio do Atlântico.

Mas, há algo que também gostaria de vos dizer. Há uma outra mensagem que também vos trago. E a mensagem que, como Presidente do Governo, gostaria de deixar hoje aqui, em primeiro lugar, é o orgulho, o orgulho imenso, que os Açores têm nas suas comunidades emigradas.

E esse não é apenas um sentimento de circunstância. Se dúvidas houvesse quanto à sinceridade, à genuinidade das razões pelas quais os Açores têm todas as razões para estarem orgulhosos das suas comunidades emigradas, os excertos do filme que aqui acabamos de ver esclarecem qualquer dúvida que possa existir a esse respeito.

Nós temos orgulho por aquilo que significou a vossa decisão ou a vossa opção de, não abdicando deste sentimento de Açorianidade, procurarem legitimamente melhorar a vossa vida, a vida dos vossos filhos, noutras paragens, com tudo aquilo que isso acarreta de dificuldades, de sacrifícios, de desafios, de saudade.

Orgulho, também, por aquilo que conseguiram nessas comunidades que vos acolheram - e não foi pouco. Essa é talvez a melhor forma de continuarem a ser Açorianos, é o contributo que dão e que deram para o progresso e para o desenvolvimento das comunidades que vos acolheram.

É exatamente o testemunho que deram pelo vosso trabalho, pela vossa capacidade daquilo que os Açorianos sabem e conseguem fazer. E esse é também motivo de orgulho para mim, como Presidente do Governo, para o Governo dos Açores e para todos os Açorianos.

Mas gostava, também, de dizer que podem ter orgulho nos Açores e nos Açorianos que lá ficaram. Podem ter orgulho naquilo que, ao longo de quase 40 anos de Autonomia, foi possível fazer daquela região. O grau de desenvolvimento e de progresso que não existia na altura em que alguns de vós e alguns dos vossos pais ou vossos avós decidiram avançar para outras paragens e que hoje existe, com hospitais, estradas, escolas, portos, aeroportos, um sistema de saúde bom, um sistema de educação que faz o seu caminho no sentido de garantir que também é bom, enfim, um conjunto de conquistas que é fruto da capacidade dos Açorianos que lá ficaram, da capacidade, do trabalho e do sacrifício dos Açorianos que lá ficaram.

E esse deve ser motivo de orgulho para as Comunidades Emigradas Açorianas. Aquilo que os Açores são hoje, a prova que os Açorianos deram de que foram capazes de ultrapassar os desafios que o destino lhes reservou, e de, mesmo assim, construir uma região moderna, uma região que se pode orgulhar do seu trajeto, uma região que não está isenta de dificuldades e de desafios, importa também que tenhamos isso bem claro. O percurso que fizemos até aqui, ao longo de 40 anos, é talvez a maior prova e a melhor garantia que, da mesma forma que conseguimos ultrapassar esses desafios no passado, certamente conseguiremos também ultrapassar os desafios que o presente e o futuro nos reservam.

Ao longo destes dias, a propósito de conversas que vou tendo com os meus interlocutores, tenho pensado muitas vezes numa expressão que vem a propósito do que podem ser as comunidades nos dias de hoje, o que é que podem significar quando as gerações que têm o conhecimento da realidade que deixaram, as primeiras gerações, vão pela lei da vida dando lugar a novas gerações. E lembro-me a este propósito de algo que me parece sempre importante salientar. Nós não discutimos com as comunidades de acolhimento dos nossos emigrantes se eles são mais de cá, ou mais de lá. Não é isso que está em causa.

A melhor forma de ser um bom Açoriano é ser um bom americano. Essa é a melhor forma de honrar os Açores. A ligação que se estabelece, estabelece-se a outro nível, no orgulho do trajeto que trouxe até aqui tantos e tantos Açorianos, na possibilidade de também retribuir a essa comunidade de origem um pouco daquilo que buscaram e conquistaram nas comunidades de acolhimento.

Mas, sobretudo, julgo que é essencial ter sempre presente para resolver o dilema que já aqui presenciamos que as primeiras gerações estão a dar lugar a outros. Se há algo que não podemos confundir, são os laços afetivos de quem conheceu, de quem nasceu, de quem saiu dos Açores já com essa consciência. Nós não podemos confundir isto com o orgulho que as novas gerações têm naquilo que os seus pais e os seus avós fizeram, no significado desta aventura em que se lançaram os seus pais e os seus avós para conseguir um melhor futuro para eles.

Não tem a ver com a língua, não tem a ver com a cultura, não tem a ver com o conhecimento do local, tem a ver só com isto: o respeito por quem foi capaz de fazer milhares e milhares de quilómetros para uma terra completamente desconhecida, que não

sabia a língua, que não sabia os seus costumes. Uma terra, em alguns casos, recheada de perigos, para dar um futuro melhor à sua família e aos seus.

É exatamente aqui, nesta honra, neste respeito, neste cultivar desta aventura, na procura das raízes, que reside uma das formas possíveis de continuarmos a estabelecer, noutros moldes seguramente, esta relação com as nossas comunidades emigradas.

Os Açores de hoje apresentam, naturalmente, um conjunto de oportunidades que não existiam na altura em que alguns de vós, os vossos pais ou os vossos avós deixaram a região. Mas essas oportunidades devem ser encaradas e devem ser aproveitadas no sentido de garantir também para os Açores todas as condições para poderem continuar a trilhar um caminho de futuro, um caminho de progresso e um caminho de desenvolvimento.

Eu tenho, até agora, falado em Açores e em Açorianos. Mas, tudo isto aplica-se a qualquer emigrante, aplica-se a todos aqueles que deixaram a sua terra. E, no caso concreto, aplica-se a qualquer emigrante do nosso país. E é particularmente gratificante para mim ouvir aquilo que, ao longo destes dias, tenho ouvido a propósito da ação do Cônsul Geral de Portugal em São Francisco, pela compreensão que parece demonstrar, e acredito efetivamente que demonstra, de que essa importância, essa celebração das comunidades açorianas não reduz a dimensão do nosso país, não reduz a importância do nosso país, bem pelo contrário, aumenta.

Não diria ser esta a exceção que confirma a regra, de qualquer das formas, interessa salientar como um bom exemplo daquilo que pode ser a valorização, daquilo que pode ser o entendimento do papel que as comunidades açorianas, que as comunidades portuguesas em geral, podem ter para a projeção do nosso país e para a projeção da nossa Região.

Nós temos muitos desafios pela frente, alguns deles têm a ver exatamente com as nossas comunidades. Referi há pouco uma das abordagens possíveis a uma nova etapa da relação entre os Açores e as suas comunidades. Mas há questões mais concretas, há questões, atrevo-me a dizer, mais prosaicas, que condicionam, perturbam, introduzem ruídos nessa relação das comunidades emigradas com os Açores.

Os transportes aéreos, por exemplo. É uma das circunstâncias que introduz esse ruído e não vale a pena tentarmos esconder o Sol com a peneira. Efetivamente, as coisas, em particular neste ano de 2014, não correram bem e é importante reconhecer isso. Não correram bem!

Todos nós gostaríamos que tivessem corrido melhor. Acreditem que eu sou o primeiro a desejar que as coisas tivessem corrido melhor. Uma vez por razões que nada têm a ver com a vontade dos homens, outras vezes não tanto assim, mas o facto é que nós temos de ter a consciência que há áreas em que temos de melhorar. Nós temos de eliminar esse ruído que pode existir em relação a algumas dessas áreas.

Não quero sair daqui hoje dizendo que vos trago uma terra de leite e mel no que diz respeito aos transportes aéreos e que vai ficar tudo resolvido. Não, não posso fazer isso. Em consciência, não devo fazer isso. Mas há algo que posso e devo fazer, que é a atenção reforçada e permanente quanto ao trabalho e aos esforços que a nossa companhia aérea,

a SATA, está a fazer para melhorar o serviço, para servir melhor as nossas comunidades e, em concreto e em especial, servir melhor a comunidade emigrada da Califórnia.

Isso posso dizer e fazer, porque posso e tenho condições para cumprir esse compromisso. Mas, que não perturbe isso aquilo que é verdadeiramente essencial, que não perturbe isso aquilo que é verdadeiramente importante e que, terminando como comecei, se resume e radica em dois aspetos: no orgulho que podem ter na vossa região, na vossa terra, e, não tenham a mínima dúvida, no grande orgulho que os Açores têm nos seus emigrantes.

Muito obrigado.